

DIREITO À MEMÓRIA DOS GRUPOS OPRIMIDOS.

AMARAL, Juliana Scherdien¹; BARROS, Grazielle Soares de²; SARAIVA, Miriam Duarte³; MESQUITA, Natiele Gonçalves⁴; Orientador Prof^a Dr^a SCHIO, Sônia Maria⁵

¹Universidade Federal de Pelotas- Filosofia Licenciatura (ISP); ²Universidade Federal de Pelotas, ISP. soniaschio@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto é parte do Projeto Interdisciplinar do PIBID II (Humanidades) que está sendo realizado no Instituto Estadual Assis Brasil. O texto tem por objetivo mostrar a importância do resgate da memória dos grupos oprimidos trazendo para realidade escolar, trabalhando de forma interdisciplinar com uma metodologia inovadora que permite o diálogo com a realidade do estudante.

A relevância dessa temática, tanto para o aluno quanto para a comunidade escolar, refere-se ao que foi diagnosticado, pois há grupos que poderão ser auxiliados a mudar essa realidade, para que essas relações conflituosas não causem danos futuros na formação do cidadão. Não obstante, a discussão das relações de opressão se demonstra urgente, quando o poder público passa a concentrar esforços para que tal temática seja debatida amplamente na sociedade, em especial, a escolar. Nesse sentido questões opressoras de gênero.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O trabalho é de origem bibliográfica, no qual foram pesquisados textos teóricos que fornecerão a base para o aprofundamento do tema, e que permite melhor explanação para a elaboração da imagem do opressor e do oprimido, expondo, assim, historicamente os principais fatores que demarcam os grupos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No livro “Convite à Filosofia” (CHAUI, 2000, p.126), a autora Marilena Chauí, faz um breve esclarecimento sobre o significado e a origem do termo memória. Segundo ela, os antigos gregos consideravam a memória uma identidade sobrenatural ou divina, já os historiadores antigos escreviam seus feitos e colocavam sob a proteção das musas, para que suas realizações não fossem perdidas, e para que servissem de exemplo para as gerações futuras.

Mais adiante, a mesma autora comenta: “A memória, pois, inseparável do sentimento, do tempo ou da percepção/experiência do tempo como algo que escoar ou passa” (CHAUI, 2000, p.126). Ela é uma atualização do passado ou presentificação deste e, também, É O registro do presente para que permaneça como lembrança.

Entre os vários tipos de memória, o que será que objeto de estudo é a “memória social ou histórica”, que é fixada por uma sociedade através de mitos e registros. Porque a memória social é a identidade da sociedade e através das narrativas se perpetua no tempo.

É ressaltada a importância do desenvolvimento de um melhor entendimento acerca das várias narrativas perante a violação dos Direitos Humanos e,

principalmente, a influência da difusão de narrativas por mediadores (mídias, livros didáticos) e é frisado o quanto estes mediadores interferem na memória coletiva.

Pelo fato deste ser um tema abrangente, apenas um grupo que sofre opressão será citado e analisado neste texto, o qual trata das questões opressoras de gênero. Nesse viés, José Santos (SANTOS, 2008, p. 355) classifica gênero como sendo “um sistema de práticas sociais (...), que define e constitui as pessoas como diferentes, de modo socialmente significativo, e organiza relações de desigualdade baseadas em tais diferenças”. Os estudos de gênero abrangem as questões histórico-sociais que envolvem a esfera da mulher e expressões sexuais diversas.

A opressão sobre a mulher surge com a estrutura social patriarcal, sistema este que configurou as famílias à subordinação da figura masculina da casa, tendo o pai todo o poder e voz porque é o detentor da propriedade.

O patriarcado não se consolidou apenas como um sistema privado, mas passou a ocupar os espaços públicos, onde a proibição das mulheres de votar, estudar, trabalhar fazia parte do cotidiano. Na Revolução Industrial, a mulher passou a ocupar espaços de trabalho, junto às crianças, como mão-de-obra mais barata. Ainda hoje, a mulher se encontra em nível inferiorizado em alguns postos de trabalho, tanto em hierarquia, como também sexista, que colocam a mulher como objeto.

Miriam Grossi aborda a homossexualidade com base em Stoller, o qual discute que “a escolha do objeto sexual, de desejo, dá-se a partir da adolescência e não interfere na identidade de gênero do indivíduo “normal”, criando segundo sua rotulação de macho ou fêmea, portanto masculino ou feminino ”(STOLLER, 1978 *apud* GROSSI, 1998, p.11). No entanto, devido às pressões sociais, alguém que não é heterossexual se sente diferente daquilo que a sociedade impõe como comportamento sexual “correto” e esperado.

A autora também discute a idéia de um terceiro gênero, porém, ela não crê que este exista,

“...porque existem apenas dois grandes modelos de identidade de gênero: masculino e feminino. A estes dois modelos são associados atributos e expectativas diferentes em cada cultura; e a sexualidade é apenas um dos elementos que constituem este modelo”(GROSSI, 1998, p. 12).

Referindo-se à pedagogia do oprimido, Paulo Freire (FREIRE, 2005) afirma que na educação atual, as classes dominantes usam dessa difusão para continuar a controlar as outras classes. Desse modo, observa-se uma educação opressora, que se baseia no domínio dos pensamentos dos oprimidos, faz com que estes busquem equipararem-se aos opressores.

A pedagogia do oprimido propõe uma “educação libertadora”: Nela o oprimido não deve buscar apenas a sua humanização, mas a de todos, para que dessa forma não caia na mesma relação de opressão. Instituir a autonomia e um pensamento crítico também é objetivo dessa pedagogia que deve partir da classe dominada. Para que essa libertação funcione, ela deve surgir da conscientização do oprimido.

4 CONCLUSÃO

Conforme o que foi visto até aqui se percebe o quão importante é não deixar que a memória de grupos que sofreram opressão no passado seja esquecida, pois a opressão está presente não apenas nas escolas, mas sim em toda a sociedade, e através deste trabalho pretende-se estimular o convívio de toda comunidade escolar para que eles se conheçam e respeitem suas diferenças.

Acredita-se que se a memória dos grupos oprimidos for trazida para a realidade escolar, aqueles que se veem enquanto oprimidos se desassociarão dessa condição.

5 REFERÊNCIAS

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. **Classe social e desigualdade de gênero no Brasil**, 2008. Disponível em: http://www.scielo.php?script=sci_arttex&pid=s0011-20702007000200001&lang=pt Acesso em: maio de 2011.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. **Texto base para formação sobre Gênero**. 2010.

GROSSI, Miriam. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. 1992. Disponível em: http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf Acesso em junho de 2011.